



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Juliane Luzia Camargo

Universidade Estadual Paulista

"Júlio de Mesquita Filho" - Assis

orcid.org/0000-0002-0823-3285

julianel.camargo@hotmail.com

Cátia Inês Negrão B. de Andrade

Universidade Estadual Paulista

"Júlio de Mesquita Filho" - Assis

catia.berlini-andrade@unesp.br

O diálogo com Chioldino : as correspondências de Cesare Pavese

*RESUMO: Apesar de pouco lido atualmente, até mesmo entre os italianos, Cesare Pavese foi um dos autores mais surpreendentes da literatura do século XX na Itália. Integrante da Casa Einaudi, juntamente com os principais escritores da época – Italo Calvino, Elio Vittorini e Natalia Ginzburg, Pavese foi de grande influência no cenário literário, em especial na renovação da própria literatura italiana depois da Segunda Guerra Mundial. No que se refere à política daquele momento, ele atuou contra o fascismo e chegou a participar do movimento do Partido Comunista Italiano. Neste ano, completam-se 70 anos de sua morte e a intenção deste trabalho é, a partir de suas correspondências inseridas no livro *Lettere a Ludovica* (2008), conhecer um pouco mais sobre sua vida e seu trabalho no segundo Novecento.*

Palavras-chave: Cartas; Cesare Pavese; Lettere a Ludovica.



INTRODUÇÃOⁱ

Lettere a Ludovica (2008) é uma coletânea de cartas organizada pelo historiador italiano, Carlo Ginzburg. Seu livro é dividido em três partes, cada uma delas dedicada a um escritor italiano e suas correspondências: a primeira delas é constituída por missivas de Cesare Pavese (1908-1950), a segunda por cartas do filósofo Felice Balbo (1914-1964) e a terceira parte é composta por textos de sua mãe, a escritora Natalia Ginzburg (1916-1991). Os três escritores citados trabalharam na editora de Giulio Einaudi, uma das mais importantes do século XX, em especial porque os seus integrantes atuavam contra o fascismo de Benito Mussolini. Nas correspondências que constituem o livro encontram-se discussões sobre a editoria, o fazer literário da época, a sociedade italiana e até mesmo assuntos e acontecimentos pessoais aparecem.

As correspondências ainda não foram traduzidas para o português e todas elas foram endereçadas à Ludovica Nagel, amiga e secretária da editora entre 1945 e 1946. Tendo em vista os poucos estudos sobre o livro no país, e em ocasião dos 70 anos de sua morte no próximo dia 27 de agosto, nos propomos a comentar sua primeira parte, aquela formada por trechos epistolográficos de Cesare Pavese.

29

CESARE PAVESE: PEQUENA BIOGRAFIA

Cesare Pavese nasceu em Santo Stefano Belbo, em Langhe, província de Cuneo. Mas ainda criança mudou-se para Turim, depois da morte de seu pai em 1914, para completar seus estudos. Eugenio Pavese foi chanceler na pequena cidade de Langhe e morreu devido um tumor no cérebro.

Tido como uma das principais vozes italianas do século XX, Cesare Pavese atuou como poeta, escritor de contos e romances e, apesar de nunca ter estado na América, realizou trabalhos como tradutor de obras americanas e inglesas. Seu trabalho sempre perpassou a literatura norte-americana, seja clássica ou contemporânea. Ele traduziu escritores, como Daniel Defoe, Charles Dickens, Herman

Melville, James Joyce, Sinclair Lewis, John dos Passos e Gertrude Stein. A sua importância pode ser fundamentada tendo em vista a sua profícua participação na equipe de Giulio Einaudi. Foi na casa editorial do amigo que ele trabalhou com os principais nomes da literatura daquela época: Italo Calvino, Natalia Ginzburg, Elio Vittorini.



Foi no ano de 1930, mais especificamente em 20 de junho, que Pavese se formou em Letras com a tese intitulada *Sulla interpretazione della poesia di Walt Whitman*. Foi depois desse momento que ele começou a traduzir obras americanas e inglesas com mais intensidade. Em 1931, o autor sofre outra perda, a de sua mãe. Apesar de sua morte, Pavese continua morando com a sua irmã Maria, "sempre afastado em si mesmo, relutante a cada confidente abandono"ⁱⁱⁱ (MONDO, 1961, p. 09). Sem muita convicção, ele segue carreira como professor, ensinando italiano, latim e filosofia; e por não aderir ao partido fascista é forçado a trabalhar em escolas noturnas e particulares.

Em 1933, Pavese aparece entre os primeiros colaboradores da editora Einaudi, juntamente com os intelectuais e antifascistas Augusto Monti, Leone Ginzburg, Massimo Mila, Franco Antonicelli, Felice Balbo, Carlo Levi e Norberto Bobbio. Neste mesmo ano o escritor já assume a direção da sede da editora em Roma e no ano seguinte substitui Ginzburg na direção da revista *La Cultura*, permanecendo até janeiro de 1935. A revista já recebia suas contribuições desde 1930 e foi criada em 1882 por Cesare De Lollis (1863-1928), filólogo e histórico de literatura. Pavese era o menos comprometido politicamente, por isso, acabou dirigindo o periódico durante um ano. Mas isso não excluiu, em suas obras, o fascismo e a sua consequente repressão. O seu registro, no entanto, aconteceu de forma velada. Assim como na literatura, a América também apareceu na sua escrita como a representação de liberdade, o que ele não poderia exercer naquele momento em seu país.

Nesse mesmo ano, em 1933, por intermédio de Leone Ginzburg, ele conhece Battistina Pizzardo (1903-1989). Nascida em Turim no ano de 1903, Tina Pizzardo, como conhecida, era cinco anos mais velha que Pavese; ela se formou em Matemática pela Universidade de Turim em 1925, e já no ano seguinte foi para Roma, onde conheceu



Altiero Spinelli (1907-1986), militante comunista e antifascista. Logo depois, Pizzardo já fazia parte do Partido Comunista. A militância, porém, teve seu preço: a professora foi condenada a um ano de prisão e a três de liberdade vigiada depois que a polícia a descobriu por meio de cartas que eram enviadas a Spinelli.

Tina Pizzardo e Pavese viveram um romance que teve início em 1934.

Ele parece feliz: lhe basta o férvido trabalho, um rico fio de poesia, o amor de uma mulher, aquela que irá traçar na sua existência um sulco de dor terrível, de desesperada frustração. Ela é uma professora de matemática forte e obstinada, severamente envolvida nas fileiras do Partido Comunista clandestino.ⁱⁱⁱ (MONDO, 1961, p. 09)

O escritor recebia, em seu próprio endereço, cartas da amada que poderiam comprometê-lo e ela, segundo Mondo (1961), também acolhia correspondências suas, até que em 13 de maio de 1935 ele é preso pela polícia. Cesare Pavese foi condenado a três anos de prisão, por antifascismo na cidade de Brancaleone, na Calábria. *"Il lungo isolamento provoca un trauma che lascerà tracce profonde sul suo carattere già tormentato e schivo. Resta il fatto che da allora ha inizio una crisi estetica e morale che egli consegna alle pagine di un diario, Il mestiere del vivere"* (MONDO, 1961, p. 10). ("O longo isolamento provoca um trauma que deixará traços profundos em seu caráter já atormentado e tímido. O fato é que desde então começa uma crise estética e moral que ele entrega às páginas de *O ofício de viver*" (MONDO, 1961, p. 10))^{iv}.

No livro-diário do escritor, escrito durante esse período, encontramos já no dia 06 de outubro de 1935, trechos de um desabafo intelectual: "Ainda que algumas das últimas poesias sejam convincentes, isso não diminui a importância do fato de irem sendo compostas sempre com mais indiferença e relutância" (PAVESE, 1988, p. 07). Mas neste mesmo dia, ele também escreve sobre sua habilidade, talvez natural, em relação à poesia:

Mas assim como até agora me limitei, quase por capricho, somente à poesia em versos, por que não tento nunca outro gênero? A resposta é uma só, e talvez insuficiente: é por razões de cultura, de sentimento, de hábito já, e não por capricho, que não sei mudar de rumo, e me pareceria cabeçada de amador trocar a forma para renovar a substância. (PAVESE, 1988, p. 08)

Em 17 de outubro, desse mesmo ano, ele revela a angústia vivida nesse seu momento profissional: "Pois

acho que somente uma coisa (dentre muitas) é insuportável para o artista: sentir que já não está começando" (PAVESE, 1988, p. 14).



O diário, no entanto, não traz somente seus pensamentos literários, mas suas inquietações emocionais e pessoais. Como bem enfatiza em seu artigo "L'amore de Tina Pizzardo e Cesare Pavese a confronto nei loro diari", Gian Franco Ferraris diz que *O ofício de viver* foi escrito diariamente para si mesmo (2017), e nas suas páginas, Pavese enfrenta seus maiores tormentos.

Con lui Tina Pizzardo iniziò una tormentata relazione, in cui si trovò oggetto di un amore petulante che lei non contrambiava in egual misura. L'amore per Tina, vice-versa, segnò profondamente la vita di Pavese, come è testimoniato in particolare dal diario e da quanto i suoi biografi hanno ricostruito e anche un po' romanzato intorno alla 'donna alla voce rauca'. Una delle ragioni che spingerà Pizzardo a scrivere le sue memorie, pubblicate postume, fu certamente quella di replicare alle molte imprecisioni su di lei contenute nel 'mito Pavese'. (ARNOLDI, 2015, n.p)

Com ele, Tina Pizzardo, começou um relacionamento atormentado, no qual ela se encontrou como objeto de um amor petulante que não retribuiu em igual medida. O amor por Tina, por outro lado, marcou profundamente a vida de Pavese, testemunhada em particular pelo diário e pelo que seus biógrafos que reconstruíram e até mesmo um pouco romantizaram em torno da 'mulher de voz rouca'. Uma das razões que levaram Pizzardo a escrever suas memórias, publicadas postumamente, foi certamente a de replicar as muitas imprecisões contidas no 'mito de Pavese'. (ARNOALDI, 2015, n.p)

32

"A mulher da voz rouca" foi a protagonista de seus primeiros escritos diários. Em 26 de abril de 1936, por exemplo, Pavese escreve: "Quem revelar a mulher o que ela pode vir a ser torna-se a primeiro de seus cornos. É matemático. Precisamente, *matemático*" (PAVESE, 1988, p. 40, grifo no original). Pizzardo era professora de matemática, talvez o termo em destaque lhe valha a referência.

Dois dias depois, em 28 de abril, alguns questionamentos: "[...] e somente dela sinto falta? Ela, que me desgraçou? Mas, se tudo o mais está inalterado, o que é que ela ainda representa, além de uma desilusão sentimental comum?" (PAVESE, 1988, p. 41).

Sua saída da prisão se dá em março de 1936; o pedido de perdão lhe valeu dois anos de anistia. Mas ao sair descobre que sua amada Pizzardo havia se casado com outro, o



engenheiro comunista Henek Rieser. *“Di qui ha inizio il ‘destino’ di Pavese, che sempre piú spesso soggiacerà all’orrore di sé, spiando crudelmente, nell’anima e nel corpo, i segni della sua inadattabilità alla vita”* (MONDO, 1961, p. 10). (“A partir daqui começa o ‘destino’ de Pavese, que com mais frequência

sucumbirá ao horror de si mesmo, espiando cruelmente, na alma e no corpo, os sinais de sua inadmissibilidade à vida” (MONDO, 1961, p. 10)).

Apesar das perdas e de todo o sofrimento, Pavese se dedicou ao trabalho e publicou seu primeiro livro de poesia *Lavorare stanca*, em 1936, pela *Edizioni di Solaria*. No livro, uma poesia intitulada *Paesaggio IV*, dedicada a Battistina Pizzardo. De acordo com Mondo (1961), é a partir de 1937 que as crises parecem ter sido superadas, já que o escritor acumularia, depois disso, várias novelas (p.10). Sua segunda obra é publicada no fim de 1941, o romance *Paese tuoi*, escrito em 1939. Mas na gaveta já estariam guardados outros escritos, como *La bella estate* e *Carcere* (MONDO, 1961, p. 10).

33

A guerra tem início em 1940, e o escritor continua com o seu trabalho na editora. E em 1941, Pavese sofre outra decepção amorosa, desta vez com uma ex-aluna do Liceo D’Azeglio, Fernanda Pivano. O seu pedido de casamento não foi correspondido, o que deixou o escritor piemontês ainda mais desiludido. É em 1942 que sai a publicação de *La spiaggia*, *“un romanzo di cui si vergognerà, che giudicherà frivolo, non impegnato”* (MONDO, 1961, p. 11). (“um romance do qual se envergonhará, que ele julgará frívolo, não empenhado” (MONDO, 1961, p. 11)).

Com o armistício de oito de setembro, ele se refugia com a irmã em Serralunga di Crea, na região do Piemonte. É neste contexto de morte e sangue que Pavese se converte, o que o leva a lecionar em um instituto de padres Somaschi, em Casale Monferrato, na província de Alexandria.

Depois da Liberação, Pavese retorna para Turim. Entre 1945-1946, ele passa dias em Roma e em Milão e depois, em 1950, em Roma outra vez. *“Condivide l’ansia di giustizia che è nell’aria; il populismo è per lui, a un tempo, esigenza morale, piglio estetizzante, gusto della parola viva e schietta”* (MONDO, 1961, p. 12). (“Ele compartilha a ansia de justiça que está no ar; o populismo é para ele, ao mesmo



tempo, exigência moral, preguiça estética, gosto da palavra viva e direta" (MONDO, 1961, p. 12)). É neste meio tempo que sai a publicação de *Prima che il gallo canti*, mais especificamente em 1949. Em junho de 1950, o escritor ganha o prêmio *Strega* com *La bella state. "È il riconoscimento definitivo, tanto piú significativo in quanto espresso al di fuori di ogni ipoteca di carattere politico"* (MONDO, 1961, p. 12). ("É o reconhecimento definitivo, tanto mais significativo quanto expresso fora de qualquer hipoteca de caráter político" (MONDO, 1961, p, 12)).

O último romance do escritor, escrito em menos de dois meses, está relacionado a mais uma de suas decepções amorosas. *La luna e i falò* (1949) foi dedicado a jovem atriz Constance Dawling. Os dois juntos viveram duas estações, antes que ela voltasse para os Estados Unidos. A volta de Connie, como era conhecida, para a América desencadeou como tantas outras, uma desesperada crise em Pavese.

Neste mesmo ano ele começou a trabalhar para a revista dirigida por Mario Motta, *Cultura e Realtà*, periódico vinculado ao Partido Popular Italiano. As críticas sobre seu trabalho e sua postura frente à política começaram no ano seguinte, em 1950, ano de seu suicídio. Pavese tornou-se mais solitário e recluso e dentre os tantos sofrimentos e abandonos suportados ao longo da vida e o insucesso perante as críticas, aos 42 anos de idade, suicidou-se em 27 de agosto em um dos quartos do hotel Roma, em Turim. Depois de tomar altas doses de um remédio para dor, uma espécie de sonífero, ele foi encontrado por um funcionário do hotel, no quarto de número 43.

34

CARA NAGEL

Ludovica Nagel nasceu em Mônaco, mas viveu grande parte de sua vida na região da Toscana, na Itália. Após ser aceita para trabalhar na Einaudi, no ano de 1946, ela trabalhou em cidades como Roma e Turim. Dominando vários idiomas, Nagel pôde também contribuir com trabalhos editoriais. Filha de Karl Freiherr von Nagel zu Aichberg e de Mabel Dillon Nesmith, Nagel viveu até seus 99 anos de idade,



falecendo no dia 28 de maio de 2017. *“Ha vissuto a Lugano, dal 2003 alla morte, una signora molto delicata e colta di cui in Ticino pochi si sono accorti. Era una donna esile, straordinariamente acuta, curiosa, piena di vita vissuta e di memoria, desiderosa di amicizie”*(DI STEFANO, 2017). (“Ela viveu em Lugano, de 2003 até

sua morte, uma senhora muito delicada e culta da qual poucos em Ticino notaram. Era uma mulher esbelta, extraordinariamente perspicaz, curiosa, cheia de vida vivida e de memória, ávida de amizades” (DI STEFANO, 2017)). Foi para esta grande amiga de trabalho, Nagel, ou simplesmente Chiodino – apelido que lhe foi atribuído pelo próprio Cesare Pavese, que o escritor e poeta italiano enviou as dezesseis correspondências inseridas no livro *Lettere a Ludovica*. Tais cartas podem, no entanto, representar apenas uma pequena parte dos escritos trocados entre os dois.

Inserida no campo de estudos das Escritas de si, a carta é a sua primeira manifestação. Através dela, podemos acompanhar todo um trabalho com a memória, com o particular do sujeito, e mais, captar sua intenção no momento em que escreve seu texto. De caráter pessoal e privativo, a correspondência, não obstante, permite ao leitor visualizar um determinado contexto histórico, cultural e social, estendendo, assim, seu próprio aspecto para o campo do universal. De “comunicação viva e (aparentemente) despreziosa”, a missiva não compartilha apenas de acontecimentos diários, mas de sentimentos, podendo até presentificar o seu interlocutor por meio de sua escrita e sua assinatura, como bem explica Marcos Antonio de Moraes em *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa* (2005, p. 09).

Em “A escrito de si” (1992), Michel Foucault já havia evidenciado:

É algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro: ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. (FOUCAULT, 1992, p. 150)

Praticada desde a Antiguidade, a carta permite preservar fatos passados, por isso sua característica histórica. Vivian Carla Calixto dos Santos em sua dissertação de 2009, *Cartas, escritas e linguagem: a temporalidade em questão*, nesse sentido, comenta: “Seja a distância física ou afetiva, a escrita de cartas oferece uma

possibilidade para a superação do afastamento, um esforço para transposição da falta..." (SANTOS, 2009, p. 15).

O escritor Dino Provenzal, em *L'arte di scrivere le lettere* (1957), também descreve o gênero epistolar em sua característica espaço-temporal:



Lo scritto con cui comunichiamo il nostro pensiero a persone lontane si chiama lettera – proprio come il segno grafico elementare – quasi che l'alfabeto fosse stato inventato ed usato unicamente per scrivere delle lettere, per sostituire la parola parlata quando due hanno bisogno di scambiarsi, attraverso lo spazio, sentimenti ed idee. (PROVENZAL, 1957, p. 03)

(A escrita com a qual comunicamos o nosso pensamento às pessoas distantes se chama carta – assim como o sinal gráfico elementar – quase como se o alfabeto estivesse sido inventado e usado unicamente para a escrita das cartas, para substituir a palavra falada quando dois desejavam trocar, através do espaço, sentimentos e ideias. (PROVENZAL, 1957, p. 03))

Seguindo essa ideia, quando lemos as cartas de Pavese, sentimos também o desejo de partilha, a vontade de se fazer presente na rotina de Nagel. Na carta de 22 de maio de 1947^v, ele escreve:

Cara Nagel, ho fatto anch'io una bella pensata e sono a Roma da 10 giorni e ci starò fino a metà giugno. Inutile dirLe che Roma senza di Lei non é più nulla, non è più stella né del mattino né della sera [...] Vada pure a Torino: troverà Nat e Balb. e si ambienterà e potrà così accogliermi "coi campanelli" quando ci verrà la prossima volta. La Sua richiesta di leggermi in bozze è più che legittima, ma come faccio da Roma? Del resto uscirà in giugno. Aspetti un momentino. (GINZBURG, 2008, p. 18)

(Cara Nagel, eu também tive uma boa ideia e estou em Roma há 10 dias e por aqui estarei até meados de junho. Inútil dizer-lhe que Roma sem você não é mais nada, não é mais estrela nem de manhã nem à noite [...] Vá também à Turim: você encontrará Nat e Balb. e se instalará e poderá assim acolher-me "com os sinos" quando você vier a próxima vez. O seu pedido de ler-me em rascunhos é mais que legítimo, mas como faço isso de Roma? Aliás sairá em junho. Espere um momento. (GINZBURG, 2008, p. 18))

Ludovica Nagel trabalhou com Pavese na sede romana da editora durante um ano, e acabou por tornar-se sua amiga preferida. E ao ler as missivas do escritor, vemos que ela fazia questão de ler suas produções, ajudando-o com a sua opinião como leitora.

Em 20 de junho de 1947^{vi}, já em Turim, Pavese comenta sobre a procura que faz de *Moby Dick*: Cara Nagel, sono a



Torino e, salvo colpi di sole, ci resto. Venga pure. *Moby Dick* niente. Dove lo piglio? Bisognerà cercarlo tra gli antiquari milanesi. (GINZBURG, 2008, p. 19). (Cara Nagel, estou em Turim e, exceto pelas madeixas, eu fico. Venha também. *Moby Dick* nada. Onde o consigo? Precisará procura-lo entre os antiquários milaneses. (GINZBURG, 2008, p. 19)).

Moby Dick, de Melville, foi inaugurado em 1932. “*Negli scrittori americani, Pavese cerca anime fraterne che lo confermino nella sua insofferenza contro le forme estetiche e politiche, dominante [...]*” (MONDO, 1961, p. 09). (“Nos escritores americanos, Pavese procura almas fraternas que o confirmem na sua impaciência contra as formas est ticas e políticas, dominante [...]”(MONDO, 1961, p. 09)). Como já evidenciamos no início desse trabalho, o escritor trabalhava também com a tradução de obras americanas e inglesas, e *Moby Dick* foi por ele traduzido pela primeira vez em 1930, porém não conseguiu public -lo. A obra só foi impressa dois anos depois pelo editor Carlo Frassinelli; e a primeira tradução italiana integral do livro foi realizada por Pietro Meneghelli somente em 1995.

37

No dia 29 de agosto de 1947^{vii}, ao expressar que espera pela visita de Nagel, Pavese registra:

Cara Nagel, ho sei o sette sue lettere cui non risposi mai perch  credevo che Natalia mi riportasse Lei a Torino. Invece mi dice che   a Milano. Ho ricevuto la recensione di Del Bo e l’ho fatta ricopiare. Qui Le rimando l’originale. Mi piace specialmente dove cita le mie opere critiche che sono comprese in Ferie d’agosto. Siccome ormai ho capito che Lei non legge i miei libri, non Le chiedo pi  che cosa ne pensa. Pare invece che legga i miei articoli. Ebbene, Le annuncio che probabilmente quello sull’Ameica   l’ultimo. (GINZBURG, 2008, p. 20)

(Cara Nagel, tenho seis ou sete de suas cartas  s quais nunca respondi porque acreditava que Natalia me traria voc  em Turim. Em vez disso, ela me diz que está em Milão. Recebi a resenha de Del Bo e a copiei. Aqui lhe envio de volta o original. Gosto especialmente onde ele cita os meus trabalhos críticos que estão incluídos em Ferie d’agosto. Como já entendi que ele não lê os meus livros, não lhe pergunto mais o que pensa deles. Parece, em vez disso, estar lendo os meus artigos. Pois bem, lhe anuncio que provavelmente aquele sobre a América é o último. (GINZBURG, 2008, p. 20))

A crítica escrita por Giuseppe Del Bo   “*Il compagno era stato un borghese*”, publicada em 17 de agosto de 1947 pelo jornal *Avanti!*. E o artigo no qual ele faz referência se chama “Ieri

e oggi”, publicado na revista *L'Unità* em 03 de agosto de 1947 e inserido, logo depois, no volume *La letteratura americana e altri saggi*, de 1951. Pavese também escreveu ensaios e artigos; os que foram escritos entre 1930 e 1950 estão nesse livro, o que coincide com o período de suas atividades (traduções, ensaios, poesias, romances e novelas). O caminho percorrido por suas produções é marcado por um espaço de tempo de grandes dificuldades, pois as mesmas se confrontaram com a ditadura, com o jugo de Mussolini, com a Segunda Grande Guerra e o período subsequente.



Fatos impositivos, restritivos e até mesmo brutais pesaram sobre sua incipiente vida literária, seja na forma de um “confinamento” ou estada compulsória na Calábria, seja na impossibilidade de exercício no magistério público para os não inscritos nas hostes fascistas, seja até mesmo na situação constrangedora de liberdade vigiada. (PRADO, 1966, p. 41).

La letteratura americana e altri saggi, contendo trabalhos publicados em revistas tais como *La Cultura*, teve sua primeira edição realizada pela Editora Frassinelli e foi publicado com o prefácio do amigo Italo Calvino. Para este, um dos importantes nomes da literatura italiana contemporânea, o amigo Pavese

38

[...] não era poeta por natureza nem por graça: a primeira imagem dele que seus escritos juvenis nos entregam, ou que tem a função de pressuposto autobiográfico para os textos maduros, é a de um jovem cujo tormento não se distingue do tormento comum à sua idade, à sua condição social e à época, a não ser por uma obstinação em se autodefinir. (CALVINO, 2009, p. 73)

Pavese era o primeiro a ler as produções de Calvino que também trabalhou grande parte de sua vida na cidade de Turim.

E posso dizer que para mim [...] o ensinamento de Turim coincidiu em boa parte com o ensinamento de Pavese. Toda minha vida turinesa carrega a sua marca; toda página que eu escrevia era ele o primeiro a ler; foi ele quem me deu um ofício, ao me iniciar na atividade editorial [...]. (CALVINO, 2006, p. 18)

Em 22 de dezembro de 1947^{viii}, Pavese envia uma carta anunciando as recentes publicações em língua italiana:

Cara Nagel, [...] Noi stampiamo e scriviamo tanti bei libri, e siamo sempre più felici e sapienti. Unica nube al nostro orizzonte – Greenburger, che ci manda i titoli più scemi e riesce a non pagare mai un anticipo per cui, per es. Th. Wolfe, già tradotto, rischiò di finire a Mondadori. (GINZBURG, 2008, p. 35)



(Cara Nagel, [...] Aqui saiu: Sartre Le mur, Platone de Hildebrandt, Huzinga Homo Ludens, Vansittart La mia vita, Ceneri Zeromski. Nada que lhe interessa. De livros político-científicos, daqueles que você gosta, não os vejo no horizonte. Diga-me se talvez quer um antigo. (GINZBURG, 2008, p. 27))

Todos os livros citados acima foram impressos pela editora Einaudi. *Ceneri e Homo ludens* foram publicados no ano de 1946 e os outros em 1947. O escritor, assim como falava da falta que sentia da amiga (que se encontrava em Roma), das suas produções e leituras, ele compartilhava da sede de Turim, os fazeres literários da editora. Como na correspondência de 28 de julho de 1949:

Cara Nagel, [...] Noi stampiamo e scriviamo tanti bei libri, e siamo sempre più felici e sapienti. Unica nube al nostro orizzonte – Greenburger, che ci manda i titoli più scemi e riesce a non pagare mai un anticipo per cui, per es. Th. Wolfe, già tradotto, rischiò di finire a Mondadori. (GINZBURG, 2008, p. 35)

(Cara Nagel, [...] Nós imprimimos e escrevemos tantos belos livros, e estamos sempre mais felizes e sábios. A única nuvem no nosso horizonte – Greenburger, que nos manda os títulos mais idiotas e consegue nunca pagar um adiantamento no qual, por ex. Th. Wolfe, já traduzido, arriscou terminar na Mondadori. (GINZBURG, 2008, p. 35))

39

E em seguida, para falar dos seus escritos, ele continua: “[...] Agora escrevi um livro horrível sobre os vícios das mulheres e sobre a vida da *alta*. Será chamado *La bella state*. Eu recomendo” (GINZBURG, 2008, p. 36). ([...] Adesso ho scritto un orribile libro sui vizi delle donne e sulla vita della *haute*. Si chiamerà *La bella estate*. Glielo consiglio. (GINZBURG, 2008, p. 36))

Sanford J. Greenburger era fundador de uma conhecida agência literária, de acordo com a própria nota do livro de Ginzburg (2008). A obra de Thomas Wolfe, citado nas entrelinhas da carta, é *Angelo, guarda il passato*, e ao contrário do que está escrito na correspondência, o mesmo foi publicado ainda pela Einaudi em 1949 e depois reimpresso pela Mondadori em Milão no ano de 1965.

Na segunda citação, o livro considerado “horrível” pelo autor não foi assim decepcionante, pelo contrário: *La bella state*, como dito anteriormente, ganhou em 1950 o prêmio *Strega*, prêmio de maior prestígio literário italiano, atribuído anualmente à melhor obra em prosa desde 1947.

Já em 10 de junho de 1950, o assunto é o último livro de Pavese: “[...] Enviei-lhe meu último livro *La luna e i falò*, que



é uma coisa magnífica e perfeita e exprime o ponto de vista do agricultor piemontês que foi na América. O que mais você quer?" (GINZBURG, 2008, p. 37). O livro foi publicado em 1950 pela editora de Giulio Einaudi. Como em suas outras obras, o autor retoma em *A lua e as fogueiras* o aspecto da memória; o protagonista volta ao passado para sentir-se reconhecido em sua nova realidade, que é aquela do fascismo e a da Segunda Guerra Mundial.

O escritor fez da sua realidade um documento, descrevendo-a a partir de sua experiência pessoal. A corrente literária que guiou Cesare Pavese é descrita como neorrealista, que permitia que seu estilo também apresentasse traços de literatura estrangeira. Para Alexandra Helena Pavan Pavão (2012):

[...] seus romances e suas poesias são marcados muitas vezes pela influência naturalista norte americana e pelo uso do dialeto da região do Piemonte. Neste sentido, pode-se verificar que o tema recorrente na obra de Pavese, tanto nos romances quanto nas poesias, é sempre a ligação que o autor tinha com a sua terra natal [...]. (PAVÃO, 2012, p. 37)

O autor piemontês retratou, com grande entendimento, a realidade crua do fascismo e a da Segunda Grande Guerra, além de discorrer sobre as questões políticas do país, os seus sofrimentos e as suas decepções pessoais e amorosas. A nostalgia do Piemonte, porém, também o acompanhou durante os anos, como a paisagem da região e os seus camponeses.

40

CONCLUSÃO

Pavese, ao escrever sobre a sociedade italiana da época, pôde também compartilhar de suas angústias e de sua reflexão acerca da realidade. A introspecção, causada pela morte de seu pai quando tinha apenas seis anos de idade, persistiu ao longo de sua vida e fez com que ele se isolasse das outras pessoas. A solidão, talvez o pior de seus sentimentos, se refletiu mais fortemente no dia anterior ao seu suicídio, visto que nenhum de seus telefonemas obteve resposta. A ambição pelo suicídio o seguiu durante toda a vida, e muitas vezes ela esteve relacionada aos seus fracassos amorosos.



O carinho demonstrado nas cartas, o tratamento direcionado à Nagel - "*Gentile Signorina*" (Gentil Menina), e a forma como se despedia - "*suo Pavese*" (seu Pavese), "*Suo affezionato Pavese*" (Seu afeiçoado Pavese) – deixa em aberto, ao leitor, um certo romantismo por parte do escritor ao escrever à sua querida amiga. Não há confirmações de que ele tenha se apaixonado por Ludovica Nagel, mas há sentimento exaltado em suas correspondências. A amiga preferida de Pavese o acompanhou também a distância, mesmo depois que se mudou para Nova Iorque. De lá, ela lhe enviava presentes, como mantimentos, tabaco e pulôveres.

As correspondências aqui citadas contribuem para a preservação da memória do *Novecento* italiano, suas efervescências e mudanças, além de estender às novas gerações de leitores e estudiosos, a grandiosidade das contribuições de Pavese para a literatura italiana e mundial.

41

REFERÊNCIAS

ARNOLDI, Ugo Berti. PIZZARDI, Battistina. In: *Treccani. Dizionario Biografico degli italiani*. 2015. v. 84. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/battistina-pizzardo_%28Dizionario-Biografico%29/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

CALVINO, Italo. *Assunto encerrado*: Discursos sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CALVINO, Italo. *Eremita em Paris – Páginas autobiográficas*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DI STEFANO, Paolo. Chiodino, l'amica prediletta di Pavese. In: *Azione*. 2017. Disponível em: <<https://www.azione.ch/cultura/dettaglio/articolo/chiodino-lamica-prediletta-di-pavese.html>>. Acesso em: 24 out. 2019.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: ____: *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega. 1992. p.129-160.

GINZBURG, C. *Lettere a Ludovica*. Milano: Archinto, 2008.

MONDO, Lorenzo. *Cesare Pavese*. Milano: Ugo Mursia Editore, 1961.

PAVÃO, Alexandra Helena Pavan Pavão. *Revivendo o período fascista: o significado das escolhas de Cesare Pavese em Il compagno*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

PAVESE, Cesare. *O ofício de viver*. Tradução de Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

PRADO, Antônio Lázaro de Almeida. *O acordo impossível*: ensaio sobre a forma interna e sobre a forma externa na obra de Cesare Pavese. 1966. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

PROVENZAL, Dino. *L'arte di scrivere le lettere*. Lettere di scrittori italiani: modelli ed esempi. Editore Ulrico Hoepli Milano, 1957.

SANTOS, Vivian Carla Calixto dos. *Cartas, escritas e linguagem: a temporalidade em questão*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro.



Recebido em 07 de agosto de 2020.

Aprovado em 25 de janeiro de 2021.

42

THE DIALOGUE WITH CHIODINO: THE CORRESPONDENCE OF CESARE PAVESE

ABSTRACT: Despite not being read often nowadays, even among Italians, Cesare Pavese was one of the most surprising authors of 20th century literature in Italy. A member of Casa Einaudi, together with the main writers of the time – Italo Calvino, Elio Vittorini and Natalia Ginzburg, Pavese was of great influence on the literary scene, especially in the renewal of Italian literature itself after the Second World War. As regards the politics of that moment, he acted against fascism and came to participate in the movement of the Italian Communist Party. This year, 70 years of his death are completed and the aim of this work is to know a little more about his life and his work in the second Novecento from his correspondences inserted in the book *Lettere a Ludovica* (2008).

Keywords: Letters; Cesare Pavese; *Lettere a Ludovica*.



i CHIODINO: Apelido que, carinhosamente, foi dado a Ludovica Nagel por Cesare Pavese.

ii "sempre straniato in se stesso, riluttante ad ogni confidente abbandono". (MONDO, 1961, p. 09)

iii Sembra felice: gli basta il fervido lavoro, un ricco filone di poesia, l'amore di una donna, quella che tratterà nella sua esistenza un solco di incolmabile dolore, di disperata frustrazione. È una insegnante di matematica dura e volitiva, severamente impegnata nelle file del Partito Comunista clandestino. (MONDO, 1961, p. 09)

iv Todas as traduções do italiano para o português presentes neste artigo são de nossa autoria, exceto indicação em contrário.

v Sobre papel timbrado Einaudi.

vi Sobre papel timbrado Einaudi.

vii Sobre papel timbrado Einaudi.

viii Sobre papel timbrado Einaudi.